

Mario Fernando Bolognesi

*M*endigos, Comerciantes e Artistas Profissionais

*B*eggars, Merchants and Professional Artists

RESUMO

Os mecanismos de sedução de plateias foram usados por mendigos, em especial os cerretani, pelo charlatães e pelos bufões. Ações artísticas participaram da venda de um lugar ao céu e da venda de medicamentos e serviços de saúde. Finalmente, tornaram-se venda exclusiva de espetáculos. Esse passo último requereu a especialização profissional de atores e artistas saltimbancos, incluídos no mercado de espetáculos e mediados por um empresário.

ABSTRACT

The mechanisms of seduction of audiences were used by beggars, especially the cerretani, by charlatans and by buffoons. Artistic activities participated in the sale of a place to heaven and the sale of medicines and health services. Finally, they became the exclusive sale of shows. This last step required the professional specialization of actors and acrobatics artists at the market of spectacles, mediated by a businessman.

As profissões que envolvem representação de papéis, exibição performática de destrezas acrobáticas corporais, de evolução coreográfica do corpo no espaço, de execução de instrumentos musicais e de canto, de equilíbrio de objetos ou de se equilibrar sobre objetos, de demonstração de força descomunal, de se deslocar no espaço em cordas e trapézios, de executar paradas de mão e cabeça, de andar sobre as mãos, de adestrar animais para a imitação de comportamentos humanos, de ilusionismos e prestidigitação, além de outras maneiras de participação em espetáculos, resultaram de vagabundagens. Vagabundagem (assim como vagabundos, vagabundear etc.) não deve ser entendida como atividade (ou inatividade) de desocupados, de preguiçosos, de vadios, de quem não trabalha. O sentido original do termo remete à ideia de perambular, de andar sem rumo, vivendo de pequenos trabalhos. Provavelmente, as adjetivações que remetem ao sentido de vadiagem, de preguiça, estão seladas no contexto da sociedade do capital, que tem o trabalho como uma de suas máximas. Vagabundear é e sempre foi uma estratégia de sobrevivência adotada por diversas ordens de ações profissionais. Os vagabundos assumiram e ainda assumem, deliberadamente, um modo de viver que envolve o caminhar sem destino certo, o perambular. Ou seja, vagabundagem é uma forma de trabalho. Desde a antiga mendicância medieval, com base na piedade religiosa, passando pela charlatanice dos vendedores de produtos medicamentosos até a atuação em palcos teatrais e as acrobacias corporais, delinea-se um caminho contínuo e progressivo rumo à consolidação das respectivas profissões que envolvem a atuação e a performance artísticas.

No final da Idade Média e no Renascimento, em dias de festividades, era comum a aglomeração de pessoas em torno de tablados nos quais *cerretani*-charlatães, charlatães, médicos e dentistas populares,

atrizes, musicistas, dançarinos, cantores, acrobatas, etc. se apresentavam. Muitos desses profissionais exerciam várias atividades, concomitantemente. A imagem abaixo pode ser tomada como icônica das praças italianas e europeias do século XVI. Nela, são visíveis, palcos e tablados, atores, máscaras, personagens, *performers* e vendedores. Em primeiro plano, um charlatão, com uma cobra na mão direita, oferece ao público um medicamento contra picadas de serpente. Ele está acompanhado de uma musicista e seu alaúde e de dois atores em cena teatral, um como Pantaleão e outro como *Zanni*. No fundo, em palcos e tablados, outros artistas se apresentam. Todos eles eram vagabundos, isto é, itineravam de praça em praça oferecendo seus produtos e serviços. Os espetáculos estavam diretamente ligados ao mercado, ao comércio de produtos, em especial de medicamentos aos quais a maioria da população não tinha acesso. Cenas teatrais, performances musicais, com ou sem o canto, exibição acrobática e números variados de atrações acompanhavam as vendas como formas de sedução do comprador. E, ao lado deles, em um passado não muito distante, os cerretanos, mendigos de profissão, que vendiam um lugar no céu.

Título: *Comici e ciarlatani nella piazzetta di San Marco a Venezia*; Autor: Giacomo Franco;



Técnica: incisão; Data: século XVI. Acervo do Museo Correr, Veneza. Fonte: Arquivo Dionysos - Università degli Studi di Firenze.

Piero Camporesi (1926-1997), professor de língua e literatura italiana na Università di Bologna, deixou uma obra acerca do mundo dos vagabundos na Idade Média e no Renascimento. Trata-se de *Il Libro dei Vagabondi* (CAMPORESI, 2003), que reproduz dois tratados a respeito do tema, *Speculum cerretanorum*, de Teseo Pini (1580-16..) e *Il Vagabondo*, de Rafaele Frianoro (1594-1627).

Os cerretanos habitavam as colinas ao redor da cidade italiana de Cerreto di Spoleto, Província de Perugia, Úmbria. Adoradores de deuses pagãos, em particular Atargatis, deusa Síria da fertilidade, da água e da terra, eles teriam se refugiado na região italiana, durante a baixa Idade Média, devido à perseguição cristã. Ali, em meio aos montes, às grutas e aos vales, continuaram suas práticas religiosas. Como recurso de

sobrevivência, travestidos de monges, padres, missionários, pregadores, enviados divinos de toda espécie, dedicaram-se à exploração da mendicância em nome da verdade divina e do consolo de um lugar no céu. Eles perambularam por toda a Europa e ganharam notoriedade, a ponto de todas e quaisquer espécies de mendigos, não somente os oriundos de Cerreto, passaram a ser denominados de cerretanos.

A região de Cerreto apresentava altíssimo número de seitas religiosas, de todos os espectros. Dentre tantas, no século XIII, na mesma província, germinou e cresceu uma ordem religiosa, iniciada por Giovanni di Pietro di Bernardone (1182-1226), ou melhor, São Francisco de Assis, que, dentre outros ideais, defendia a renúncia aos bens materiais. As ações de Francisco visavam a reformulação da igreja e o seu procedimento principal para atingir tal intento era o perambular pedindo esmolas.

O ato de pedir esmolas ancorava-se, do lado do doador, na culpa intrínseca dos cristãos, que nascem pecadores e continuam a praticar o pecado por pensamentos, palavras e obras. A esmola seria, portanto, uma forma de alívio do sentimento dos pecadores e a ilusória garantia de um lugar no paraíso. Tratava-se, pois, por parte do mendigo, de ato deliberado de oferta da inocência, da venda e da compra, em vida, da felicidade após a morte, ou seja, a exploração consciente da culpa intrínseca e da eterna dívida para com o divino. Fundada no sentimento de misericórdia, de indulgência e compaixão, a esmola consolidou-se como uma instituição que explorava as fraquezas e os mecanismos de autoengano da cristandade pecadora. Assim, esmola, fé e pecado formavam a tríade psicológica garantidora de um modo recorrente de vagabundagem.

Piero Camporesi aponta dois grandes grupos de vagabundos, divididos pelo critério do tempo e da época de vagabundagem de cada um. O primeiro grupo, denominado por ele como sendo o dos flutuantes, era sazonal, caracterizado pelo abandono temporário da profissão e o esmolar era adotado como recurso provisório. Esse grupo era composto por mercadores, vendedores ambulantes, andarilhos, monges mendigos ou fugidos de conventos, frades perdoadores, vendedores de relíquias, clérigos despatriados, poetas cortesãos e contadores de histórias, estudantes itinerantes pedintes por caridade e munidos com carta de sigilo universitário, adivinhos, cartomantes, negromantes, malabaristas, etc. O segundo grupo foi chamado de peregrinos, e dele faziam parte todos os que optaram pela errância e pela mendicância como modo de vida. Os peregrinos, eram os homens de Deus, os judeus errantes e malditos, os mendigos (verdadeiros e falsos), os ladrões, os delinquentes, as congregações dos cegos, dos coxos, dos leprosos, dos mercenários e dos soldados, dos que escaparam dos piratas, dos infiéis, dos servos fugidios, dos ladrões, dos delinquentes, etc. A partir do primeiro decênio do século XV, os ciganos, artesãos, trabalhadores itinerantes, caldeireiros, marceneiros, empalhadores, pedreiros, inúmeras categorias de artesãos sazonais passaram a integrar a categoria dos peregrinos (CAMPORESI, 2003, p. 15-16). Rafael Friano (CAMPORESI, 2003, p. 264), com base em uma categorização a partir das especialidades e qualidades, classificou em 34 os tipos de vagabundagem. Na lista, por exemplo, constam os *affarfanti*, especializados em discursos que fingiam milagres e assumiam em público os grandes pecados cometidos (p. 284); ou os *delli affamiglioli*, cuja denominação faz referência a uma família numerosa, com muitos filhos e, por isso, pedem esmolas (p. 324); ou ainda os *de' poveri vergognosi*, isto é,

aqueles que eram pobres mas queriam ser reconhecidos como nobres e ricos e se envergonhavam de mendigar (p. 325). Ao final do documento, após o reconhecimento dos 34 tipos, Frianoro descreve outras espécies de vagabundos, praticantes de espécies diversas de autoflagelo, falsos soldados, ambulantes seminus, etc. (p. 328-331)

No tocante à mendicância e à exploração da fé, havia um duplo sentimento da sociedade cristã medieval, uma contradição que se expressava em termos de amor e ódio pelos pobres. De uma parte, tal como apregoado por seitas que propunham o desprendimento dos bens materiais, havia a visão e o sentimento de que Cristo estava com os pobres. De outra parte, imperava a ideia segundo a qual o pobre era um pária, um fora da lei.

A eficácia da mendicância estava diretamente ligada ao acaso e à astúcia, ao travestimento, ao enganar, à fraude, ao embuste; peças de um jogo a se firmar como estratégias de sobrevivência (CAMPORESI, 2003, p. 25). Os pobres eram os mais assediados pelos pedintes e suas formas de disfarces. Do campo ou das vilas, pobres das aldeias e das cidades, um sem número de pessoas com a simplicidade e a pureza no coração e no espírito eram alvos dos pedintes, hereges, falsos apóstolos, charlatães, e toda espécie de esmolantes que exploravam a fé e o pecado. Tais ações encontraram fértil terreno em um período histórico (fim da Idade Média e Renascimento) que apresentou profundas modificações na estrutura social e na organização do trabalho, devido às transformações do feudalismo. Guerras, crescimento demográfico, surto migratório em busca dos centros urbanos prósperos, diminuição progressiva do rendimento real e o aumento

do custo de vida foram os rastros do embate entre o feudalismo agonizante e o próspero mercantilismo. Em outras palavras, a pobreza ganhou terreno.

As condições econômicas e sociais adversas contribuíram para a proliferação dos mendigos. No período, para ser exercida em determinado território, o pedinte necessitava de autorização da respectiva autoridade eclesiástica. Muitas dessas autorizações resultavam de suborno e de manifestação enganosa, por parte do esmolante, de juras em professar o catolicismo. Ou seja, nem todo mendigo era, de fato, mendigo e tornou-se comum a presença de falsos padres, falsos profetas, leprosos e não leprosos, ladrões, criminosos, vítimas das diversas ondas de peste, enfim, impostores de um modo geral que se valiam da compaixão para alcançar seu sustento.

Ao lado dos falsos pedintes, ou dos pedintes temporários e sazonais, havia também aqueles que adotaram a errância, a vagabundagem e a mendicância como profissão. Eram vagabundos autênticos, pode-se dizer, que optaram por essa forma de existência e de exercício profissional. Eles eram os exploradores do mercado da caridade e enfrentavam a concorrência dos enganadores e mendigos de ocasião. Os mendigos profissionais se disseminaram por toda a Europa e percorriam todos os caminhos e territórios, de Roma a Compostela, de Finisterra a Jerusalém etc. Os cerretanos foram um desses casos: professando uma fé pagã, eles se organizaram em seitas aos moldes das oficiais e se travestiram em monges para obter as autorizações católicas necessárias à mendicância. Para eles, a esmola resultante da venda da felicidade eterna era resultado de trabalho. Nesses casos, portanto, a mendicância vinha associada ao fingimento, isto é, ao ato de conquistar o pobre por palavras e atos corporais que despertassem a piedade. Esta, por sua vez, aflorava com

maior evidência quando provida da indulgência das culpas, apregoada pelos pedintes que prometiam a felicidade eterna. Os cerretanos foram vagabundos e mendigos por opção de vida e trabalho, que usavam de artifícios teatrais para representar e explorar a miséria (TESSARI, 1981, p. 38). Os devotos da Deusa Síria, transformados em sacerdotes errantes exploradores da pobreza, da fé e da culpa cristã, apoiavam-se em resquílios da crença católica popular e exerciam suas profissões com *performances* cerimoniais próximas ao chamanismo (TESSAR, 2018, p. 63-64).

Mendigos (falsos ou não), travestidos de padres, pregadores, pastores, apóstolos, mártires, vendedores de artefatos religiosos e relíquias sagradas e os cerretanos não deixavam de ser atores que criavam mecanismos artificiais para expor as suas misérias e explorar a misericórdia e a culpa alheia. Alguns, os flutuantes, na classificação de Camporesi, eram pedintes temporários e esporádicos, pois podiam abandonar a mendicância tão logo houvesse melhora das condições de vida. Os cerretanos, ao contrário, fizeram da mendicância uma opção de vida e, portanto, uma profissão. Mendicantes e vendedores de preciosidades religiosas, que exploravam o comércio de ossos de santos e de lascas de madeira da cruz de Cristo, exploravam a sensibilidade popular prevalecente, aproveitando da idolatria católica e da fé cega nos milagres e nas relíquias (CAMPORESI, 2003, p. 39).

Esse clima psicológico foi explorado à exaustão pelos cerretanos. Devotos de Atargatis e seguindo as demais especialidades de vagabundos, eles se apoderaram das estruturas consolidadas pela igreja católica e se constituíram em confrarias. Na visão medieval, o próprio Lúcifer teria reunido todos os demônios e manifestado o desejo de fundar na terra uma igreja para se contrapor à de Cristo. A instituição celeste seria o modelo para

a diabólica. Na visão de Teseo Pini, os cerretanos eram uma versão clara da igreja do diabo. Eles e suas organizações prosperaram na arte de pedir esmola, com a simulação de posturas eclesiais, mistificando o sagrado, prosperando em nome de Deus, explorando a miséria e a fraqueza dos pobres. Algumas de suas confrarias eram compostas por homens e mulheres, que praticavam a liberdade sexual comunitária, algo que não era absolutamente novo na Itália central, na época medieval. Por conta disso e também pelos embustes exploratórios dos pobres, parte do clero combatia ferozmente os cerretanos.

Os tempos e as mentalidades foram ganhando novos contornos. O Renascimento trouxe ideais humanistas e alterações significativas na ordem econômica. O mercado da caridade começou a apresentar seu esgotamento, culpa e a piedade cederam lugar à materialidade e os profissionais da esmola abandonaram o terreno da religião e se adequaram ao mundo laico do humanismo renascentista. Sob o manto do charlatanismo, os mecanismos de persuasão para alcançar a misericórdia divina se transferiram, de forma lenta e gradual, para o mundo concreto e material da oferta e venda de bens materiais, em especial os medicamentosos. Os cerretanos, vendedores de um lugar no céu, exacerbados em suas encenações da miséria, acompanhando os novos tempos, passaram a se mesclar aos charlatães e se transformaram em médicos, dentistas (extratores de dentes em praça pública) e farmacêuticos que investiam na cura de diversos males. A medicina, na época, era praticada apenas nos círculos aristocráticos. O povo em geral não tinha acesso a médicos e a remédios. Ainda convivendo com a presença dos cerretanos, aos poucos delineou-se uma categoria híbrida, os cerretanos-charlatães, que, juntamente com os charlatães, vieram a atender a

necessidade social dos bens e serviços de saúde. Os cerretanos investiram na cura da alma e os charlatães na do corpo. O cerretano oferecia tratamento para o sofrimento espiritual; o charlatão cuidava do mal-estar psicofísico. (TESSARI, 2018, p. 72) Os antigos cerretanos adotaram o charlatanismo e passaram a atuar em praça pública ao lado dos charlatães. Como charlatão, o vendedor de felicidade extraterrena troca a máscara da pregação e da caridade pela do comerciante, do médico, do dentista e do especialista em magia e cura natural, ofertando seus unguentos. A exploração da fé, da caridade e da esperança, fundadas na religião, foram substituídas pela relação mercantil exploratória da cura.

Os recursos e mecanismos de venda de produtos e serviços destinados à saúde do corpo e da mente exigiam certas técnicas de persuasão para convencimento dos compradores. Essas técnicas se direcionaram para o uso de máscaras e de personagens cômicas, quase sempre enfermas e ridicularizadas diante da novidade medicamentosa da ocasião. Cenas eram criadas e interpretadas em praça pública com vistas a convencer os compradores. Exemplo dessa aproximação entre encenação e comércio charlatão pode ser tomada a partir do *canovaccio* "O Dentista", registrado por Flaminio Scala, em 1611 (SCALA, 1967, p.85-91). Nele, Arlequim se transforma em falso dentista da praça e arranca quatro dentes bons de Pantaleão. A cena cômica apresenta às avessas a oferta do serviço sério e útil do charlatão (TESSARI, 2018, p. 198). Convivendo em um mesmo espaço e em um mesmo tempo, as companhias profissionais de teatro, que passaram a se formar em meados do século XVI, e os espetáculos com máscaras dos charlatães apresentam íntimas relações, uma relação de

“consanguinidade’ ou talvez até de derivação, tanto enigmática - e curiosamente intrigante - quanto íntima”. (TESSARI, 2018, p. 189)

Além de atores, os charlatães também recorriam a profissionais de outras áreas, igualmente errantes e vagabundos, tais como músicos, contadores de histórias, manipuladores de bonecos, cantores, malabaristas, equilibristas, ilusionistas, saltadores etc., profissionais das estradas e das praças. Naquele momento, os artistas vendedores utilizavam recursos e técnicas diversificadas, oriundas de campos profissionais ainda não especializados. As cenas cômicas farsescas improvisadas e mascaradas, repletas de movimentos acrobáticos, de danças, cantos e músicas, de poesias e rimas improvisadas, com atuação de homens e mulheresⁱⁱ, aproximavam-se daquilo que futuramente seria reconhecido como um espetáculo: montagem de números diversos de atrações, associados a cenas teatrais cômicas. Se os negócios andavam bem, a representação se prolongava; quando não, o espetáculo de variedades, de máscaras e de habilidades diversas era conciso.

Nas praças, os charlatães encontraram uma outra categoria de vagabundos, os bufões, com seus recursos de improvisação, interpretação e gestualidade cômica, mímese caricatural, que caminhava para o estereótipo e deste para a máscara. Eles eram especialistas em exposições espetaculares e, tal como os charlatães, apresentavam personagens mascaradas. Eles interpretavam várias máscaras, criavam histórias, cantavam, recitavam poemas, tocavam instrumentos, além de outras habilidades. Eram, portanto, profissionais com amplo conhecimento e domínio de várias técnicas de representação e, trabalhando sozinho, trazia ao palco muitas personagens mascaradas, cada qual com suas especificidades linguísticas (VIANELLO, 2005, p.55). Diante desse

contexto, o charlatão não exitou em se aliar ao bufão, quando não, ele mesmo se transformou em bufão e, com isso, agregou o comércio de produtos diversos, duvidosos ou não, com o fascínio e a sedução de um espetáculo.

Com o avanço das formas comerciais que se impuseram na sociedade pós renascentista, objetos e remédios passaram a ser encontrados e vendidos em casas comerciais. Os serviços de saúde, igualmente, ganharam estatutos e condições profissionais próprias. A comédia, assim, perdeu seus aliados da praça, os produtos e os serviços direcionados à cura. Não tendo mais objetos para vender, os artistas passaram a vender aquilo que sabiam fazer. As técnicas artísticas e espetaculares de persuasão do público passaram a ser a matéria-prima a ser comercializada, em espetáculos teatrais e jogos de variedades nas feiras, praças e ruas. Com o paulatino esgotamento do mercado dos remédiosⁱⁱⁱ, tal como ocorrera com o da caridade, a comercialização de remédios foi deixada de lado. Aos charlatões, atores, músicos, cantores, acrobatas e demais artistas de variedades restaram ainda um produto para venda: o próprio espetáculo. O que até então era recurso técnico, passa a ser o objeto a ser ofertado pelos vagabundos errantes.

O passo decisivo para a profissionalização veio com a especialização de comediantes em máscaras e personagens específicas. Artistas e suas respectivas personagens, hábeis no atuar de improviso, conhecedores da música, da literatura, de casos e histórias populares, de atrações de variedades, etc. se reuniram em empreendimentos cênicos. Estavam dadas as condições, na Itália, para a consolidação da comédia de

improviso, exercida por profissionais da cena que, futuramente, em território francês, foi batizada de *commedia dell'arte*.

Difícil discernir, no século XVI, os limites de cada uma das profissões no complexo das apresentações a céu aberto, pois artistas da representação de cenas também faziam uso de recursos acrobáticos, de ilusionismo, do canto, da poesia etc. Do lado contrário, acrobatas e demais artistas de variedades também interpretavam papéis cênicos. Prevalece, no entanto, a noção geral de artistas errantes, de vagabundos que se dedicaram profissionalmente à exibição em praças, aliados a charlatães, ou eles mesmo charlatães, na comercialização de produtos e serviços para a saúde.

A organização econômica de base capitalista avançou e passou a exigir a especialização dos trabalhadores. Os artistas dos espetáculos não fugiram à regra. Os atores se organizaram em companhias de representação de comédias de improviso. O marco histórico e simbólico dessa especialização ocorreu no ano de 1545, com a criação da Companhia Fraternal, em Padova, com o primeiro registro em cartório de uma trupe profissional para representação de comédias com artistas especializados em determinadas máscaras e personagens. Os charlatães e os bufões não alcançaram esse estatuto profissional, delimitado pela especialização das funções, mesmo porque seus campos de trabalho, voltado ao comércio, necessitavam de uma pluralidade de habilidades para a fabricação da ilusão (VIANELLO, 2005, p. 49).

Os artistas das variedades, das performances de habilidades corporais, do equilibrismo e do ilusionismo conheceram as respectivas profissionalizações, a partir do século XVII, nas feiras de Paris, especialmente na Feira de Saint-Germain e na Feira de Saint-Laurent.

Nestas, artistas e companhias encontraram trabalho, desta feita desvinculado do comércio de pomadas e unguentos. A partir de 1640, as feiras conheceram um descomunal crescimento de espetáculos, dada à exigência oficial de as apresentações serem realizadas em locais fechados. Com isso, a pulverização de números isolados ao ar livre se transformou e as feiras procederam à organização de espetáculos mais longos, com a necessária união de diversos artistas e família de saltimbancos. Paralelamente, a procura do público pelos espetáculos das feiras aumentou consideravelmente, o que contribuiu para a solidez financeira das companhias. Na formação dessas companhias, as especializações profissionais foram a tônica regente dos agrupamentos em trupes e espetáculos. Os artistas de múltiplas habilidades, que se associaram aos charlatães, bem como o protoprofissional bufão, foram perdendo suas funções espetaculares. Para prosseguirem com trabalho na economia do mercado de espetáculos, especialmente os bufões, tiveram de optar por um de seus domínios artísticos. Nos critérios daquela configuração econômica, as relações de trabalho passaram a ser regidas por contratos específicos para cada profissional e suas específicas habilidades e participação em espetáculos previamente determinados. Portanto, a profissionalização de artistas esteve delimitada pelo crivo da divisão do trabalho em uma relação contratual temporária. A atividade artística, então, passou a ser mediada por uma função comercial espetacular nova, o empresário.

Cerretanos, cerretanos-charlatães, bufões, intérpretes de personagens, mascaradas ou não, musicistas e demais artistas saltimbancos, conhecedores de uma multiplicidade de técnicas espetaculares para a ação nas aldeias, nas estradas e nas praças públicas, eram, pode-se dizer, detentores de seus meios de ação. O processo de

profissionalização retirou-lhes o domínio das múltiplas técnicas de fabricação de ilusão e os induziu à escolha de uma especialização. Ao mesmo tempo, as tarefas da administração comercial dos espetáculos foram assumidas por uma outra categoria, igualmente especializada, a empresarial. O artista vagabundo - itinerante, mendigo ou vendedor, possuidor de técnicas de persuasão e de sensibilização de clientes com problemas de saúde, ou de endividados espirituais que almejavam a espiação da culpa religiosa - transformou-se em trabalhador, um profissional qualificado para o mercado dos espetáculos.

REFERÊNCIAS

CAMPORESI, Piero (a cura di). **Il Libro dei Vagabondi**. Milano: Garzanti, 2003.

KERR, Rosalind. The Italian Actress and the Foundations of Early Modern European Theatre: Performing Female Sexual Identities on the Commedia dell'Arte Stage. **Early Theatre**, v. 11, n. 2. Toronto: Records of Early English Drama, 2008, p. 181-197.

SCALA, Flaminio. **Scenarios of the Commedia dell'Arte**: Flaminio Scala's Il Teatro delle Favole Rappresentative. New York: New York University Press, 1967.

TESSARI, Roberto. **Commedia dell'Arte**: la Maschera e l'Ombra. Milano: Mursia, 1981.

TESSARI, Roberto. **Allettamenti Meravigliosi**: Immaginario e Spetacoli dei Ciarlatani. Milano; Udine: Mimesis, 2018.

VIANELLO, Daniele. **L'Arte del Buffone**. Maschere e spettacolo tra Italia e Baviera nel XVI secolo. Roma: Bulzoni, 2005.

NOTAS

ⁱ De difícil tradução, o autor aponta que deriva dos verbos *for* e *faris*, que se aproximam de falar.

ⁱⁱ Rosalind Kerr tem estudos minuciosos a respeito do lugar das mulheres e das atrizes na *Commedia dell'Arte* (Kerr, 2008)

ⁱⁱⁱ Ainda que com forte recrudescimento, os charlatães continuaram em atividade, na Europa, até o século XVII. No Brasil, em praças com grande aglomeração de público, ainda é possível presenciar alguns charlatães em ação.

Artigo submetido em: 02/07/2019

Aprovado em: 24/12/2019